Antropologia da cidade: lugares, situações, movimentos

Edição electrónica

URL: <http://journals.openedition.org/pontourbe/1827>

DOI: 10.4000/pontourbe.1827

ISSN: 1981-3341

Editora

Núcleo de Antropologia Urbana da Universidade de São Paulo

Referência eletrónica

« Antropologia da cidade: lugares, situações, movimentos », *Ponto Urbe* [Online], 9 | 2011, posto online no dia 31 dezembro 2011, consultado o 19 abril 2019. URL : <http://journals.openedition.org/pontourbe/1827> ; DOI : 10.4000/pontourbe.1827

Este documento foi criado de forma automática no dia 19 Abril 2019.

© NAU

Antropologia da cidade: lugares, situações, movimentos

REFERENCES

AGIER, Michel. *Antropologia da cidade: lugares, situações, movimentos*. São Paulo, Editora Terceiro Nome, 2011. 216p.

- 1 A compreensão do mundo contemporâneo tem sido um desafio instigante para a antropologia e a delimitação de subáreas, bem como o distanciamento entre elas, vem alterando de forma terminante o próprio fazer antropológico. Michel Agier não hesita em afirmar: “(...) não há duas antropologias, mas sim maneiras diferentes de fazer antropologia com objetos diferentes e, portanto, campos diferentes, maneiras de pesquisar diferentes” (p.192). A antropologia da cidade pode, assim, ultrapassar os domínios de uma antropologia urbana e alcançar o pensamento antropológico mais geral, e assim enriquecer teórica e metodologicamente a própria disciplina. Nesse sentido, faz-se necessário avaliar os potenciais e limites da contribuição da antropologia da cidade para um debate mais abrangente da própria antropologia, procurando, a partir dos estudos urbanos, mas para além de barreiras disciplinares, novos modos de ler estas realidades complexas. Ao mesmo tempo, devemos examinar as contribuições que a antropologia traz para a redefinição das cidades e das etnografias urbanas na investigação das práticas culturais contemporâneas.
- 2 Este é o projeto que Michel Agier procura defender no livro *Antropologia da cidade: lugares, situações, movimentos*: uma forma de conhecimento antropológico da cidade, tomando-a como lugar estratégico para pensar inúmeros temas antropológicos clássicos e atuais: relações de identidade, etnicidade, hibridação, territorialidade, globalização, lugares, fronteiras etc. Tal amplitude de temáticas leva Agier a observar as várias entradas do conhecimento urbano - saberes, espaços, situações, lugares, movimentos -, por meio das quais analisa as dinâmicas urbanas e o cruzamento das várias dimensões da cidade, realizando uma abordagem situacional, relacional e processual, que parte dos

lugares e dos cidadãos para compreender as situações de interação dos indivíduos urbanos nos seus respectivos contextos relacionais.

- 3 Com este objetivo, Agier propõe compreender a cidade do ponto de vista dos cidadãos, por “sobre os ombros” deles, deslocando assim o olhar da cidade para as pessoas que vivem, sentem e ‘fazem a cidade’. Ao refletir sobre o modo como a cidade é vivenciada e inventada em situações cotidianas nos bairros, ruas, espaços domésticos ou de trabalho etc., Agier mostra uma preocupação em compreender a agência dos cidadãos, bem como conhecer e contextualizar os lugares e interações pesquisados, para assim, posteriormente, apresentar o ponto de vista do antropólogo sobre a cidade. Desse modo, Agier evita trabalhar com uma representação fixa, institucional, normativa e apriorística da cidade, pois as definições de localidade são processuais e contextuais. Realiza, assim, uma antropologia urbana preocupada com as dinâmicas e processos socioculturais contemporâneos inscritos nos novos contextos urbanos.
- 4 No projeto de Michel Agier a prática etnográfica é indispensável para a descrição das experiências daqueles que vivem as situações, visto que as entrevistas, discursos e representações não dão conta de acessar informações que só podemos obter por meio da etnografia, esta sim decisiva para a observação das redes ampliadas e conexões entre os sujeitos e atores abordados. A etnografia permite ao antropólogo produzir um conhecimento da cidade a partir dos seus níveis mais elementares, observando seus espaços intermediários e a construção das relações interpessoais, descrevendo sua heterogeneidade etc.. Portanto, ainda que a cidade em sua totalidade seja imperceptível ao saber antropológico, as situações etnográficas permitem uma compreensão do contexto urbano como um sistema de relações e de significações. Outra aposta metodológica de Agier é a opção por pesquisas etnográficas nas margens urbanas, em contextos densos e heterogêneos, de grande precariedade no plano social e material, assinalados por uma urbanização informal, sem projeto inicial de cidade, sem equipamentos ou acesso a serviços urbanos. Segundo o autor, uma “cidade nua”, espaços intersticiais de onde é possível etnografar o processo de formação de lugares, ou seja, observar o “fazer cidade”. Portanto, a antropologia da cidade de Agier valoriza a etnografia urbana para alimentar a construção do conhecimento das cidades contemporâneas, da “cidade bis”, a cidade produzida pelo antropólogo por meio da observação e descrição das práticas, relações, situações e representações dos cidadãos em seqüências da vida urbana. Pois, como bem define Agier, “A reflexão que proponho não trata da cidade, mas da investigação urbana antropológica” (p.59).
- 5 Organizado em três partes, e dividido em nove capítulos, o livro, que faz parte da coleção Antropologia Hoje, parceria entre o Núcleo de Antropologia Urbana da Universidade de São Paulo (NAU-USP) e a Editora Terceiro Nome, traz artigos, capítulos de livros e entrevistas publicados anteriormente em diversos momentos da trajetória acadêmica de Agier, mais precisamente entre 1997 e 2008, e agora revistos e atualizados. A primeira parte tem como foco a cidade relacional, situacional e criativa, construída a partir das observações diretas do etnógrafo. Se a entrevista que compõe o primeiro capítulo aborda a experiência mais pessoal de Agier nas cidades, os dois capítulos seguintes trazem uma cuidadosa releitura das questões teóricas e metodológicas da pesquisa urbana. São, assim, capítulos basilares para a compreensão da proposta de uma antropologia da cidade, e de seus principais conceitos e objetos. O segundo capítulo traz uma reflexão que procura articular o conhecimento empírico produzido pelo antropólogo no nível microsocial da observação etnográfica e o conhecimento teórico da organização social e da totalidade

urbana. Para dar conta das articulações entre prática etnográfica e teoria antropológica, Agier aloca seu projeto num nível intermediário, de onde pode descrever e pensar a cidade. Para o autor, são os conceitos intermediários que permitem essa articulação entre uma perspectiva etnográfica de observação da cidade e um saber totalizador do urbano. Com esse objetivo, Agier aborda alguns pressupostos teóricos e metodológicos que definem a investigação urbana antropológica, mais especificamente as noções de região, de situação e de rede (abordarei esta mais a frente). Traça, assim, um diálogo crítico com diferentes tradições teóricas e metodológicas, mas principalmente com os sociólogos da Escola de Chicago e os africanistas da Escola de Manchester, autores que realizaram pesquisas pioneiras nos estudos urbanos.

- 6 Sobre a Escola de Chicago, considerada a pioneira da investigação urbana nas ciências sociais e que definiu instrumentos metodológicos e teóricos na produção de trabalhos empíricos (inclusive etnografias), Agier primeiro aborda a questão sobre o individualismo urbano, para depois analisar o ponto de vista regional sobre a cidade, baseada na caracterização moral das regiões urbanas. A problematização de Robert Park sobre a ordem moral da cidade, que estabelece uma relação entre o plano de cidade, a sociabilidade local e a formação das regiões morais, será retomada pelo autor no quinto capítulo. Contudo, a ideia de região moral está relacionada a uma leitura espacializada das questões identitárias da cidade, o que leva o autor a retomar uma abordagem situacional do contexto urbano. Agier reconstrói a trajetória da perspectiva situacional, partindo das concepções e trabalhos dos antropólogos da Escola de Manchester e suas abordagens situacionais sobre a urbanização e etnicidade em sociedades africanas (em especial, Clyde Mitchell e sua análise situacional, contextual e política da Dança Kalela). No projeto de uma antropologia da cidade, a abordagem situacional é imprescindível para definir a dimensão relacional da cidade, pois o etnógrafo observa as situações vivenciadas na cidade, o que está em processo. “A situação resulta da operação que consiste em isolar intelectualmente um acontecimento ou um conjunto de acontecimentos a fim de facilitar uma análise coerente” (p.74). Este conceito será explorado no capítulo 3, quando Agier, mesmo sabendo dos riscos de utilizar qualquer classificação - visto que elas podem ser simplificadoras, efêmeras e parciais -, propõe uma tipologia das situações da vida cidadina que permite descrever os diferentes momentos da vida relacional dos cidadãos: situação ordinária, extraordinária, de passagem e ritual.
- 7 Na segunda parte, observamos a atualidade das reflexões propostas por Agier, com capítulos focados em suas principais etnografias, grande parte centrada em espaços marginais e liminares. Uma longa trajetória, repleta de experiências etnográficas em diversos contextos urbanos, desde a África, passando pelo Brasil e Colômbia, até retornar ao continente africano, mas agora focando os campos de refugiados. As pesquisas em Salvador ganham destaque na obra de Agier, como o próprio autor faz questão de frisar, quando investigou diversos temas relacionados à vida cotidiana do bairro da Liberdade. Entre essas temáticas, a dimensão familiar da cidade (analisada no capítulo 4), considerada pelo autor uma parte essencial da vida cidadina, pois confere ao cidadão “a ancoragem social mínima de cada um, o seu mínimo social vital, em certa medida, tal como é vivido nos detalhes do cotidiano” (p.115). A partir da “etnologia das vielas”, da rua tomada como um espaço de relações, Agier observou a “cidade familiar”, composta por diversas redes de relações centradas nas dimensões da família, vizinhança, trabalho etc., e que se focaliza na continuidade entre a casa, o bairro e os outros espaços da cidade. Trata-se, portanto, de uma familiaridade da cidade que ultrapassa as casas e os mundos

domésticos conforme as circulações e mobilidades espaciais dos cidadãos. Assim, a vida relacional dos cidadãos amplia-se para outros lugares, alcança as dinâmicas sociais de diversos pequenos mundos urbanos e dota de sentido os ditos “não lugares” da cidade.

- 8 Nessas pesquisas, Agier trabalhou com o conceito de rede, analisado de forma mais detida em outro livro do autor, *L'invention de la ville* (1999), quando analisou as redes de sociabilidade no bairro da Liberdade. Em seus trabalhos, Agier acompanhou a construção de redes dilatadas que partiam de um núcleo inicial específico e territorializado, marcado pelas relações cotidianas e diferentes formas de sociabilidade (reciprocidades, confiança, clientelismo etc.), e constituído pelas esferas da família, vizinhança, trabalho, lazer etc. Tais relações e sociabilidades, inicialmente vinculadas a um contexto singular, articulam-se e se alargam em redes, ligando os pequenos mundos de cada cidadão (a “cidade familiar”) às macroestruturas sociais. Ampliação e alargamento que podem alcançar redes multilocais e, por conseguinte, o universo urbano em sua totalidade, mas que se dão, porém, de forma elusiva, visto que o tamanho da rede é determinado pelo modo como os desígnios locais e as formas de apropriação cidadina de amplas instituições produzem as relações. Portanto, a partir das situações de interação no nível microsocial – desde as relações mais próximas com parentes, amigos e vizinhos, aos quadros públicos de criação e representação de identidades coletivas –, tais redes de relações podem por vezes atingir um nível de expressão nacional, mas permanecendo ligadas às mesmas fidelidades e valores relacionais. Assim, é na dinâmica das redes que se desenham os elos intermediários – esferas por excelência das sociabilidades alargadas – entre os pequenos mundos dos cidadãos e as macroestruturas sociais nas cidades.
- 9 Dentre os inúmeros recortes analíticos de Michel Agier, é possível destacar suas etnografias nas “babas” (termo utilizado para denominar as partidas amadoras de futebol) do bairro da Liberdade em Salvador (BA), quando procurou apreender as situações de interação e construção de redes num espaço mais local, esportivo, masculino e cidadão. Os espaços futebolísticos seriam, portanto, um espaço privilegiado para a observação de redes; uma situação interacional onde as distinções entre as equipes, mais do que por categorias, seriam relacionais, com cada equipe reunindo por volta de vinte participantes, vinculados a um núcleo inicial de três ou quatro pessoas. Equipes formadas por amigos que foram colegas de escola, ou por núcleos familiares ampliados na vizinhança imediata e aquelas formadas por solidariedades especializadas por categorias profissionais.
- 10 Porém, tal conceito de redes de relações abarca não somente o plano da sociabilidade masculina, como é possível perceber numa comparação entre redes masculinas e femininas. Para Agier, as mulheres atuam como protetoras e organizadoras do ambiente doméstico, o que não significa uma atuação menos urbana; ao contrário, a vida doméstica é marcada pela individualização dos projetos, no máximo com articulações em duplas ou trios que atuariam em espaços esparsos (na rua, entre amigas e comadres), formando uma rede de lugares dentro e fora do bairro. Enquanto que a circulação dos homens apresenta uma territorialidade mais localizada e fechada, a das mulheres, embora centrada no universo doméstico e das vielas do bairro, proporciona uma cidadinidade aberta, de maior mobilidade e mais individualizada, orientada para espaços mais dispersos. O que pode ser percebido na abordagem de Agier sobre as formas de apadrinhamento e reforço dos laços consanguíneos das famílias matrifocais da Liberdade. Portanto, a sociabilidade das mulheres não é menos circulante que a dos homens, tampouco menos vinculada ao modo de vida urbano.

- 11 Ainda por meio de uma abordagem das redes no bairro da Liberdade, Agier investigou também a questão das relações raciais em sua pesquisa com os blocos afros e afoxés, especialmente o bloco afro Ilê Aiyê, importante representante de um movimento social, cultural e identitário negro, cujas demandas políticas de reafirmação de uma identidade são expressas no espaço do carnaval baiano (Agier, 2001). A pesquisa sobre a questão identitária nos processos culturais contemporâneos, mais especificamente do movimento negro de Salvador, revela a importância do tema da identidade na obra de Agier, para quem a criação da identidade é sempre contextual, situacional e relacional, com um caráter processual e localizado, e não definida em si mesma. Nesse sentido, a redefinição das formas e dos espaços de identificação é decisiva, segundo o autor, pois os meios urbanos podem reforçar os processos identitários, visto que a cidade abriga e multiplica os encontros de indivíduos, etnicidades, localismos e relações.
- 12 Percebe-se, portanto, a importância da dimensão urbana na análise de diversos processos sociais, como no caso dos aspectos identitários analisados cima, o que exige uma leitura crítica de seus principais pressupostos, tal como Agier realiza no capítulo 5 ao questionar as propostas de um urbanismo que promove uma cidade dividida em zonas especializadas, diferente assim do projeto de uma antropologia que pensa a cidade enquanto um espaço de troca e convivência. Esse capítulo sobre as formas de zoneamento prepara o leitor para a discussão do sexto capítulo sobre a emergência de novos tipos de aglomeração: os campos de refugiados (o que Agier denomina de campos-cidade). Nesse capítulo, Agier apresenta dados de suas etnografias, analisando as novas lógicas urbanas decorrentes do processo de deslocamento das populações - os “indesejáveis”, pessoas ‘sem Estado’, ‘sem direitos’- devido a guerras, exílio e outras violências, principalmente na Ásia e na África (por exemplo, os campos em Dadaab, ao nordeste do Quênia, com refugiados somalis, sudaneses e etíopes). Segundo o autor, trata-se de um processo de desterritorialização social, com a formação de novos mundos sociais em contextos marginais e liminares. Contextos assinalados pela bricolagem, incorporação e ressignificação local de valores, conceitos, imagens etc., e não somente por uma reprodução de aspectos étnicos tradicionais. Refugiados, deslocados, órgãos internacionais, agências humanitárias e Estados-Nação compõem um cenário de dinâmicas e tensões sociais, políticas e territoriais no qual “a produção do espaço local é também a da invenção da cidade a partir das ocupações ilegais, dos campos e de outros espaços vazios e precários” (p.137). Aqui também as ações dos cidadãos fazem a cidade, estabelecem novas formas de sociabilidade e acionam múltiplas resistências. Um processo de longa duração que resulta na transformação de refugiados em habitantes, e habitantes em cidadãos.
- 13 Na terceira e última parte, as relações entre o processo cultural e o processo urbano são analisadas por Agier com base nas observações de várias manifestações culturais e políticas em diferentes contextos, como a rua, carnaval, teatro de rua, lendas, assombrações e outras narrativas urbanas. No capítulo 7, após inicialmente descortinar três concepções de cultura (segundo o autor, um termo vulgarizado e manipulado), Agier problematiza a criação ritualizada de identidades urbanas. Primeiro, aborda o plano do carnaval e os movimentos identitários ali representados, numa associação entre criação identitária e a criação cultural. Em seguida, discorre sobre lendas, fantasmas e visões presentes no imaginário urbano, sempre do ponto de vista da experiência dos cidadãos. Fantasmas malaios de Cingapura e “monstros” de um bairro em Cali, metáforas dos problemas e estigmas urbanos, conferem à cidade outra auto-imagem e uma posição identitária, num diálogo entre o que é invisível e visível nas cidades.

- 14 A questão política, presente pontualmente em diversos momentos da obra, é retomada de forma mais detida no capítulo 8, quando Agier aborda as dimensões políticas encontradas na cidade vivida em situações por cidadãos, quando a rua torna-se não só espaço onde pode começar a política, como também da criação cultural. O que pode ser percebido no exemplo das townships sul-africanas e suas múltiplas formas de resistência, tanto políticas e artísticas, acionadas em diferentes espaços, como nos trens de transporte dos trabalhadores negros ou nas performances no teatro das townships. Assim, ações políticas e criações artísticas põem em relação indivíduos à procura de associações e conexões, ainda mais em contextos de difusão dos espaços de circulação. Vide o exemplo do desfile do Ilê Aiyê, situado na esfera da festa e na esfera política.
- 15 Portanto, podemos perceber a abrangência de questões observadas por Michel Agier nesse livro que passa a ser uma obra de referência dentro dos estudos urbanos no Brasil, pois traz importantes contribuições para uma antropologia da cidade, por exemplo, ao colocar o conceito de relação como ponto central do projeto, principalmente num contraponto à noção de espaço, tomado como um tema secundário. Se por meio do conceito de região o antropólogo pode descrever as referências espaciais e morais, e através da noção de situação pode construir configurações interacionais para além das referências espaciais, as redes permitem a Agier se movimentar pelas situações citadinas e acompanhar as relações que compõem a cidade - a “rede das redes” (Hannerz, 1980). Assim, a partir da proposta de uma antropologia da cidade é possível traçar conexões entre relações locais com identidades mais abrangentes, observar as articulações entre etnicidade e territorialidade nos contextos urbanos, apreender lugares estratégicos de análise da vida política das cidades, ampliar e alargar redes relações locais etc. Questões fundamentais retomadas brevemente e objetivamente na segunda entrevista que encerra o livro.
- 16 Por fim, vale questionar quais instrumentos teórico-metodológicos poderão ser utilizados na abordagem de diferentes contextos urbanos. Portanto, fica o desafio de pensar antropologia da cidade relacional em contextos diferentes dos espaços marginais e vulneráveis estudados por Agier, mas que também podem apresentar múltiplas relações, práticas e experiências vividas em situação. Ainda que “nem todas as formas urbanas apresentam as mesmas potencialidades relacionais, facilitando, algumas mais que outras, uma apropriação do espaço público pelos habitantes” (p.109), percebe-se a existência de uma diversidade de lógicas urbanas em mundos sociais nos quais as pessoas também “fazem a cidade” sob espaços intermediários, domínios, fidelidades e valores comuns e diferentes, ou seja, outras formas de agir e saberes sobre a cidade. Afinal, as cidades são imprevisíveis, vividas e imaginadas por aqueles(as) que a fazem.

BIBLIOGRAPHY

AGIER, Michel. “Distúrbios Identitários em Tempos de Globalização”. *Mana*, v.7, nº2, Rio de Janeiro, p.7-33. 2001.

_____. L'invention de la ville. Banlieues, townships, invasions et favelas, Paris, Éditions des Archives Contemporaines. 1999.

HANNERZ, Ulf. Exploring the City: Inquiries toward an Urban Anthropology. Nova York, Columbia University Press, 1980.